

## **Câmara Cascudo: uma (auto)biografia a partir dos lugares**

RAIMUNDO NONATO ARAÚJO DA ROCHA\*<sup>1</sup>  
BRUNA RAFAELA DE LIMA\*\*

Luís da Câmara Cascudo já foi objeto de inúmeros estudos. Alguns autores enfatizam sua vasta produção como folclorista, historiador e antropólogo; outros contemplam diferentes momentos de sua existência, enfocando a sua infância, a juventude, a maturidade e a velhice. O próprio Cascudo produziu inúmeras narrativas autobiográficas sobre suas vivências e sobre suas pesquisas.

Todavia, a vida de Cascudo não está explicitada apenas nos textos escritos e em memórias gravadas no rádio e na televisão. Em vários pontos da capital do Estado do Rio Grande do Norte, onde Cascudo nasceu e viveu até sua morte, encontramos *lugares de memória* que homenageiam o mais consagrado intelectual potiguar. Esses lugares – à sua maneira e em seu tempo – têm difundido uma memória sobre Cascudo. Entre os lugares que ajudam a preservar a memória de Cascudo, pode-se citar: a sua Biblioteca pessoal (Babilônia<sup>2</sup>), o Memorial Câmara Cascudo, a Pedra do Rosário, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e a Faculdade Câmara Cascudo. Assim, pode-se afirmar que existe uma memória de Cascudo evocada em monumentos construídos nos mais variados recantos da cidade de Natal. Essa memória, que começou a ser construída enquanto ele ainda vivia, tem contribuído para eternizá-lo. Pode-se afirmar que é uma memória que procura perpetuar Cascudo no “espaço do eterno” (SALES NETO, 2008-56).

Partindo dessas considerações, este trabalho analisará como os lugares construídos em Natal com o intuito de preservar uma memória cascudiana, fixaram traços biográficos de Cascudo. A meta é demonstrar que os lugares fixam na população uma biografia sobre um sujeito. O trabalho se vincula a uma perspectiva que procura pensar a vida de um sujeito além das sequências lineares e coerentes. (BOURDIEU, 2002: 189-190).

---

\* Professor doutor do Departamento de História da UFRN

\*\* Mestre em História e professora de História da rede de ensino fundamental e médio de Natal e do Curso de História da UVA.

<sup>2</sup> Babilônia era a denominação dada por Cascudo a sua biblioteca. As razões dessa denominação relaciona-se ao fato de que Cascudo considerava suas obras uma preciosidade. Essa biblioteca encontra-se atualmente no Instituto Câmara Cascudo (Ludovicus).

Essa perspectiva, que vem se fortalecendo nas últimas décadas, ultrapassa as concepções tradicionais sobre biografia. Tradicionalmente as biografias eram produzidas para se perpetuarem como um documento histórico destinado a gerações futuras, com o objetivo de evidenciar um magnífico esforço produtivo do biografado (ABREU, 1996).

### **No Memorial Câmara Cascudo: a cultura do povo apropriada**

O Governo do Estado do Rio Grande do Norte, em diferentes gestões, tem cultuado a memória de Cascudo. Nesse culto advindo do poder público merece destaque a construção do Memorial Câmara Cascudo, um dos mais notórios e emblemáticos dos *lugares de memória*<sup>3</sup> desse natalense.

Localizado no centro histórico da cidade, o Memorial Câmara Cascudo é um dos locais de maior *poder simbólico*<sup>4</sup> em termos de história, além do IHGRN e do Palácio do Governo. Encontra-se em lugar privilegiado, numa das principais praças históricas da cidade, sendo, por isso, ponto obrigatório das excursões de turismo que percorrem as atrações históricas e culturais da cidade. É também local de visitação de grupos escolares e de investigações realizadas por universitários e por pesquisadores, possuindo um importante acervo aos interessados na vida e na obra de Câmara Cascudo.

A Fundação José Augusto<sup>5</sup>, no seu sítio disponível na internet, apresenta o Memorial Câmara Cascudo nos seguintes termos:

Memorial Câmara Cascudo – Câmara Cascudo é figura célebre da pátria Potiguar. Maior historiador e folclorista do nosso Estado, seu memorial conta com um acervo de cerca de 10.000 livros, móveis, cartas e documentos que retratam e relembram sua trajetória. O local designado pelo Governo do Estado para abrigar o Memorial Câmara Cascudo é uma construção do século XVIII erguida para servir de sede ao Real Erário. Foi reconstruído em 1875

---

<sup>3</sup> Entendemos os *lugares de memória* como os sustentáculos que garantem que a memória não seja esquecida, como os grandes responsáveis para que esta esteja sempre em movimento e sempre viva. (NORA, 1993: 7-28).

<sup>4</sup> No sentido de ser como um: “*poder mágico do criador que é o capital de autoridade associado a uma posição que não poderá agir se não for mobilizado por uma pessoa autorizada, ou melhor, ainda, se não for identificado uma pessoa e seu carisma, além de ser garantido por sua assinatura*”. (BOURDIEU, 2002: 154).

<sup>5</sup> A Fundação José Augusto desde 1963 é o órgão responsável pela política cultural do Governo do Estado. A ela se vincula o Memorial Câmara Cascudo.

para servir à Tesouraria da Fazenda. Já serviu também para uso do Quartel General do Exército Nacional. O Memorial normalmente é sede do Encontro de Cultura Popular, que acontece durante as comemorações da Semana do Folclore, com montagem de palco em frente ao prédio para apresentações de grupos folclóricos. A biblioteca do Memorial é aberta aos pesquisadores, mas não faz empréstimo externo porque são livros, alguns muito raros, do acervo do escritor. ([http://www.fja.rn.gov.br/fja\\_site/navegacao/ver\\_memorial.asp?idmemorial=6](http://www.fja.rn.gov.br/fja_site/navegacao/ver_memorial.asp?idmemorial=6)). Acesso em: 03 ago.2008).

De acordo com pesquisas desenvolvidas pela professora Margarida Neves, o Memorial funciona como o local de maior veneração à memória de Cascudo na capital norte-rio-grandense, por se constituir em um espaço que

[...] Todos os visitantes que são levados para percorrer o Forte dos Reis Magos, marco fundacional da cidade situado na embocadura do Potengi; o Centro de Turismo no antigo presídio da cidade, onde se abriga o principal mercado de artesanato; a linda Igreja do galo e antiga Catedral natalense, conhecem também a grande homenagem da cidade a seu filho mais ilustre e, levam como testemunho de que estiveram em um dos cartões postais da cidade, fotos em frente ao prédio do Memorial e junto ao Monumento em bronze. [...] **O Monumento erguido na praça em frente à entrada principal do Memorial não deixa dúvidas sobre o lugar e a estatura de Câmara Cascudo nessa cartografia simbólica. Fundido em bronze, forjado em tamanho natural, erguido por uma gigantesca mão, está entronizado em Praça Pública o grande herói da Literatura Potiguar.** [...] Como os grandes heróis homenageados nas praças das cidades, Natal homenageia o homem que inscreveu seu nome no cenário letrado do país e Internacional. [...]. (grifo nosso). (FURTADO, 2008)

Ao nos depararmos com o Memorial sentimos o quanto o *capital simbólico* acumulado por Cascudo foi construído de forma densa e estável, fazendo com que ele seja tomado como símbolo ímpar da “cultura letrada” do Estado, um verdadeiro modelo de *homem de letras*. Refletindo a importância dada a ele, o prédio – que é a sede do Memorial desde sua fundação até hoje – é apontado como um dos mais importantes da cidade em termos de valor patrimonial histórico, tendo sido doado pelo Governo do Estado para tal finalidade. A doação evidencia – com nitidez – a percepção que o poder estadual tinha de Câmara Cascudo e do Memorial, cuja função seria a de preservar a memória desse símbolo estadual. Esta sua condição de símbolo – de identificação com o Rio Grande do Norte – pode ser observada na afirmação feita por Mário de Andrade, quando de sua primeira

viagem a Natal, em 1927: “E a entrada linda de Natal pelas doze horas. Manso o Potenji [sic]. Forte dos Reis Magos a bombordo. **Estamos enfim no Rio Grande do Norte, propriedade do meu amigo Luís da Câmara Cascudo [...]**” (ANDRADE, 1976: 191 e 228-306)<sup>6</sup>. (grifo nosso).

O Memorial foi idealizado pela Fundação José Augusto – órgão responsável pela ação cultural do Governo do Estado – e inaugurado em 1987, se constituindo numa das homenagens de maior valor simbólico e cultural para o filho ilustre Câmara Cascudo<sup>7</sup>. Desde sua fundação, o Memorial é presidido por Daliana Cascudo, primeira neta de Luís da Câmara Cascudo.

O acervo que encontramos no Memorial Câmara Cascudo nos faz pensar que a idéia que Cascudo plantou durante toda sua vida, a de cultivar seus conhecimentos, sua obra e manter sua presença em constante evidência, se mantém com a ajuda de sua neta, Daliana. Sobre ela, Cascudo costumava falar com ternura e orgulho, alegrando-se ao contar alguns curiosos episódios, como aquele em que a neta o presenteou com uma “varinha de condão”, o que, segundo ele, o tornava o único avô do mundo a ter ganho algo assim de presente. Este episódio nos leva a pensar numa espécie de magia às avessas, pois a menina que o presenteou com a varinha é quem hoje – feito as fadas madrinhas que atendem aos desejos nos contos infantis – garante a preservação do local e da memória do avô.<sup>8</sup>

Acreditamos, sem dúvida, que o Memorial deva ser percebido como um monumento de culto ao seu patrono, como definido por Jacques Le Goff, uma vez que o

---

<sup>6</sup> Mário de Andrade passou por Natal em sete de agosto de 1927, ao retornar de uma viagem à região Norte do Brasil e à Bolívia, ocasião em que conheceu Cascudo pessoalmente. Anos depois, regressaria ao Rio Grande do Norte, permanecendo de 14 de dezembro de 1928 a 27 de janeiro de 1929. Apesar de se corresponderem desde 1924, Mário e Cascudo estreitaram os laços de amizade somente durante essa última visita de Mário a Natal.

<sup>7</sup> Essa homenagem prestada a Cascudo pela Fundação José Augusto – através Governo do Estado – tem um valor inestimável, a começar pelo prédio cedido para a instalação do Memorial. Sua construção data do século XVIII, tendo servido de sede ao Real Erário da Capitania; foi reconstruído em 1875, quando assumiu sua feição neoclássica e passou a servir à Tesouraria da Fazenda. Posteriormente, abrigou o Quartel General da 7ª Região Militar do Exército Nacional sediado em Natal. (cf. FURTADO, 2008).

<sup>8</sup> Este episódio nos leva a pensar na ideia de Michael Pollack acerca da intencionalidade na construção da memória. Ao caracterizar a relação entre memória e identidade, Pollack afirma que a memória “*é um fenômeno construído (consciente ou inconsciente), como resultado do trabalho de organização (individual ou socialmente). Sendo um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si*”. (POLLACK, 1992: 200-212).

monumento é um sinal do passado, uma marca, é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação<sup>9</sup>. Estas funções são plenamente desempenhadas pelo Memorial, pois nele sua vida está em permanente evidência, através de exposições, cujos temas têm relação direta com a vida e a obra de seu homenageado.<sup>10</sup>

Apesar de existirem muitos outros *lugares de memória*<sup>11</sup> dedicados a Câmara Cascudo, o Memorial tem sido um dos mais ativos dentre todos, e um dos mais identificados com o culto a sua memória. Enélio Petrovich, em artigo que homenageia Cascudo na Revista do IHGRN, por ocasião de sua morte, chegou a afirmar

Em Natal, nos informa, pelo telefone, o jornalista e consócio Paulo Macedo, presidente da Fundação ‘José Augusto’, órgão do governo do Estado, que a Casa da Cultura será, agora, O Memorial Câmara Cascudo, encravado na chapada onde nasceu a cidade presépio, ao lado do nosso IHG/RN e da Catedral Metropolitana. Mais adiante, do Palácio Potengi. É um monumento, corpo inteiro do mestre de todos nós, que fazemos parte das instituições culturais do Estado norte-riograndense [...]. (PETROVICH, 1985-1986: 80).

### **No Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte: Cascudo um homem da mais alta cultura.**

Também o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte remete à importância de Câmara Cascudo como intelectual do Estado. Na mais antiga instituição cultural do Estado, o “mestre” Cascudo que “se encantou” é cultuado até os dias de hoje. Diante dessa constatação, somos levados a concordar com Regina Abreu, quando ela afirma “que as homenagens póstumas recriam a pessoa no templo da memória” (ABREU, 1996; 67). Nesse caso, esse templo seria o próprio IHGRN. O próprio Cascudo, referindo-se ao IHGRN, escreveu em placa: “O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte não

---

<sup>9</sup> LE GOFF, 1992: 535-553).

<sup>10</sup> Só no primeiro semestre de 2008, o Memorial sediou uma exposição e apoiou outra. A primeira, em abril, intitulada – Cascudo: o olhar do etnógrafo (apoiada pelo Memorial e sediada no Museu Câmara Cascudo) e a segunda, em julho – Câmara Cascudo, cada dia mais vivo: 30 de julho -“Encantamento”. (sediada no Memorial).

<sup>11</sup> Consideramos como tal a sua Biblioteca particular – Babilônia (hoje preservada no Instituto Ludovicos) –, o Memorial Câmara Cascudo, a Pedra do Rosário, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, a Faculdade Câmara Cascudo, a Biblioteca Pública Câmara Cascudo, o Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses, o Museu Câmara Cascudo e etc.

teve, em sua história, senão os elementos mais altos da dignidade cultural do mundo. Foi à Casa da Justiça. **Hoje é a Casa da Memória**”<sup>12</sup>. (grifo nosso).

Compreendemos que no campo da memória, os contornos do sujeito são delimitados, fundamentalmente, a partir das construções póstumas. A confecção de máscaras mortuárias, os discursos – necrológios – proferidos por ocasião do enterro e a produção de biografias são algumas das formas empregadas para manter viva a memória do indivíduo. Memória que, diga-se de passagem, é construída item por item (ABREU, 1996: 67).

Em relação a sua máscara mortuária<sup>13</sup>, sabe-se que foi doada ao IHGRN em 1994, por seu autor, o Dr. Jório Marques de Souza<sup>14</sup>, o que revela o poder que detinha o IHGRN, à época, já que não foi encaminhada ao Memorial Câmara Cascudo, local destinado a ser o principal *guardião da memória*<sup>15</sup> do intelectual potiguar.

Também no IHGRN, encontramos outro símbolo de culto à memória de Cascudo: uma escultura de sua mão direita feita em argila em 1951, doada ao Presidente do IHGRN, Enélio Lima Petrovich em 1991. Espalhadas pelo Instituto, encontramos inúmeras fotos – das mais diversas – de Câmara Cascudo, acompanhadas de frases de sua autoria, que demarcam e guiam os caminhos de quem percorre o local. Os percursos de visita parecem nos sugerir uma espécie de diálogo com Cascudo, já que dirigem nossa atenção não apenas para a contemplação de sua história, mas também para seus ensinamentos. No IHGRN encontramos, ainda, uma estante específica para reunir o conjunto de sua obra, o que não impede que em outras salas do Instituto sejam encontradas referências a Cascudo ou a livros de sua autoria.

---

<sup>12</sup> A placa está na entrada do IHGRN.

<sup>13</sup> Confeccionada em gesso, a partir do molde tirado do rosto do cadáver, a máscara mortuária constitui uma homenagem póstuma, cujo sentido consiste em reter o derradeiro momento do sujeito – limiar entre a vida e a morte, divisa entre dois tempos: o da vida na terra e o da eternidade. O sentido etimológico de *máscara mortuária* inclui a idéia de disfarce e da aparência enganadora. Apesar da fidelidade aos traços do indivíduo representado, trata-se de uma representação, a confecção de um artista, a partir da utilização do gesso. Uma vez morto o indivíduo, por determinação dos deuses, inicia-se o processo de sua recriação pelos homens. (ABREU, 1996: 67-68).

<sup>14</sup> As informações sobre a doação da máscara podem ser encontradas no artigo MÁSCARA Mortuária, 2001: 1994-95-96.

<sup>15</sup> Pensamos no Memorial como um dos mais significativos lugares de memória de Cascudo, um verdadeiro *Guardião de memória* que guarda/possui as “marcas” do passado sobre o qual se remete, tanto porque se torna um ponto de convergência de histórias vividas por muitos outros do grupo (vivos e mortos), quanto porque é o “coleccionador” dos objetos materiais que encerram aquela memória. Os “objetos de memória” são eminentemente bens simbólicos que contêm a trajetória e afetividade do grupo ou do indivíduo. [...] Ser guardião da memória torna-se um projeto. (GOMES, 1996: 17-30).

Há outros *lugares de memória*, dentre os muitos, que merecem ser destacados, como a Pedra do Rosário<sup>16</sup>, que guarda um traço forte do catolicismo de Cascudo, e a casa em que viveu – e produziu – Câmara Cascudo, localizada na atual Avenida Luís da Câmara Cascudo (antiga Avenida Junqueira Aires).

### **Na Pedra do Rosário: Cascudo o devoto**

A Pedra do Rosário<sup>17</sup>, local de grande importância para a história de Natal, pode ser considerada um lugar de memória que atesta não apenas a forte religiosidade de Cascudo, mas também a reverência dos natalenses pelos espaços que freqüentava. A placa de identificação da Pedra do Rosário traz gravada uma frase de Cascudo<sup>18</sup>, e demarca não apenas o prestígio do intelectual potiguar, mas sua devoção: “aqui deixo o grito de alerta, alerta de canguleiro, devoto<sup>19</sup> da Padroeira”<sup>20</sup>.

Em depoimento publicado pelo Jornal Diário de Natal, por ocasião do enterro de Câmara Cascudo, em 1º de agosto de 1986, o professor Ulisses de Góis – homem influente, que gozava de prestígio junto à Igreja do Rio Grande do Norte, e seu amigo particular –, lembrou que uma de suas principais lutas na juventude havia sido a de ter dado início a “um movimento para construir a Pedra do Rosário. Era muito católico e sempre esteve ligado àquele local” (DIÁRIO DE NATAL, 1986: 6). A avaliação feita por Ulisses de Góis vem confirmar a importância que o catolicismo teve na vida e na

---

<sup>16</sup> Trata-se do local onde enalhou um caixote contendo a imagem de Nossa Senhora da Apresentação, Padroeira de Natal, no dia 21 de novembro de 1753. Localiza-se às margens do Rio Potengi, e bem próximo encontra-se a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. É o templo mais antigo da cidade. Apesar de não ter sofrido grandes alterações ao longo do tempo, as paredes internas do templo foram, há poucos anos, revestidas por uma barra de azulejos. O local em que a Pedra do Rosário se localiza, no entanto, sofreu grandes alterações.

<sup>17</sup> Consta que da Pedra do Rosário se consegue visualizar o pôr-do-sol mais bonito da Capital à beira do Rio Potengi.

<sup>18</sup> Fomos informados, já ao final da escrita desse trabalho, que, muito provavelmente, devido às mudanças feitas no local em que se encontra a Pedra do Rosário – uma reforma que, segundo nos relataram, transformou radicalmente o local –, a placa de identificação, inaugurada em 1953 e que tinha como autor Câmara Cascudo, não se encontra mais no local. SALES NETO, Francisco Firmino. **Sobre a Pedra do Rosário** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bruna\_21\_pa@yahoo.com.br> em 20 jan. 2009.

<sup>19</sup> Acreditamos que ao mencionar a “Padroeira”, Cascudo esteja se referindo à Padroeira da Arquidiocese de Natal, Nossa Senhora da Apresentação. A Pedra do Rosário, segundo a tradição, seria o local em que os pescadores teriam encontrado a imagem da santa trazida pelo Rio Potengi.

<sup>20</sup> Frase da placa de identificação da Pedra do Rosário apud. FURTADO, 2004.

formação de Cascudo, acompanhando-o de sua infância até sua morte. A forte ligação que Cascudo mantinha com a Pedra do Rosário <sup>21</sup> permite que a percebamos também como um lugar da memória cascudiana, mais um dentre os tantos que celebram uma memória que se irradia pelas ruas da cidade e reforçam sua condição de símbolo da cultura do Estado do Rio Grande do Norte.

### **No Casarão da Ribeira: um homem de família e de amigos**

Também Cascudo construiu para si um “espaço sagrado”, o casarão da Avenida Junqueira Aires, hoje Avenida Luís da Câmara Cascudo, que deixou de ser apenas a residência particular de família para se tornar o espaço em que recepcionava seus convidados ilustres, seus discípulos, alunos e curiosos pela história de Natal e do Rio Grande do Norte. Nos dias de hoje, ao adentrarmos o casarão, constatamos que as salas que serviram de cenário para as animadas conversas e para “criativa e intensa” produção de Cascudo, estão revestidas de assinaturas dos visitantes que por lá passaram, e que muitas vezes, deixaram depoimentos e saudações a Cascudo. Além disso, na entrada do casarão nos deparamos com placas encomendadas pelas principais instituições culturais do Estado, como o IHGRN e a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras do Rio Grande do Norte, em sua homenagem, antes mesmo de sua morte em 1986.

O casarão <sup>22</sup> da atual Avenida Luís da Câmara Cascudo que, na segunda metade da década de 1940, passou a ser a residência fixa da família de Cascudo, ainda como consequência do momento difícil vivido no início da década de 1930, se transformaria, anos mais tarde, no cenário privilegiado de atuação do intelectual, do escritor, do folclorista e do historiador. Nesse mesmo espaço, porém bastante distante da *Babilônia*,

---

<sup>21</sup> Entendemos que a Pedra do Rosário possa ser percebida desta forma, por se constituir em local de culto de devotos da Padroeira da cidade do Natal – Nossa Senhora da Apresentação – de quem Cascudo era devoto declarado. Por localizar-se à margem de uma favela – Paço da Pátria – conhecida por ser violenta, a Pedra do Rosário não tem podido merecer a atenção de estudiosos e pesquisadores, devido à falta de segurança no local. A maior afluência à Pedra do Rosário se dá por ocasião da festa da Padroeira, quando os fiéis vão prestigiar a Santa durante a procissão e a missa que são realizadas no local. A vinculação mais explícita entre a Pedra do Rosário e Câmara Cascudo pode ser encontrada numa placa de bronze - inaugurada no local, a 21 de novembro de 1953, - e cuja inscrição “Aqui deixo o grito de alerta, alerta de canguleiro, devoto da Santa Padroeira” é seguida de sua assinatura.

<sup>22</sup> “O chalé que originalmente pertenceu aos pais de D. Dália, a amorosa mulher de Câmara Cascudo, data de 1900 e é um dos poucos remanescentes de um estilo considerado neoclássico na cidade. Na verdade, é uma construção de arquitetura um tanto híbrida, com seus beirais de madeira trabalhada, seu alpendre que segue a tradição colonial e seus janelões abertos para a rua. É uma bela casa, o que a destaca diante das outras construções locais” (FURTADO, 2008).

Cascudo também desfrutaria de momentos de intenso e terno convívio familiar. Nele, os filhos seriam educados, os amigos seriam recebidos e os netos chegariam

Uma pequena sala que dá acesso aos quartos da casa mudam e, ao invés de quadros de pintores nordestinos, retratos do importante círculo de amizade do escritor e das assinaturas da biblioteca, um outro ambiente começa a se desenhar, um espaço vedado ao público e destinado à privacidade da família começa a ser revelado. Nas paredes, o visitante vira apenas retratos do casal, de seus filhos e netos. Os quartos, pequenos em relação à sala ampla, ao vestíbulo e a biblioteca, revelam um ambiente simples no qual se desenrolava o dia a dia da família Cascudo (FURTADO, 2008).

Numa das salas do casarão, o visitante encontra uma peça revestida de forte “simbologia afetiva e simbólica”. Em frente a uma das paredes repleta de fotografias de Cascudo foi colocada a cadeira que pertenceu a seu pai, o coronel rico que exerceu influência marcante na vida de Cascudo e que foi presença forte em suas recordações pessoais. Cascudo se referia a ela da seguinte maneira

Junto a essa janela, a velha poltrona de meu pai, onde ele costumava sentar, feita ainda na antiga tração Força e Luz, pelos operários. Quando ele faleceu, em 1935, meu sogro passava longas temporadas em nossa casa, na praça sete de setembro, onde faleceu, numa casa que não existe mais. A poltrona passou a ser de meu sogro, e hoje, minha, onde faço a revisão nas idéias mais atrevidas, acomodando-as ao diário (CASCUDO. In: LYRA, 1999: 59-65).

Em contraste com este ambiente “simples” e “discreto” de convívio familiar, existia um outro – no interior do casarão –, que refletia o prestígio do intelectual. Em muitas das fotografias expostas nas paredes do Memorial, Cascudo aparece em meio aos seus livros, no seu “espaço sagrado” de trabalho, a *Babilônia*, reforçando a imagem de intelectual. Nelas encontramos, também, placas em sua homenagem e assinaturas de ilustres visitantes como as do presidente Juscelino Kubitshek, de Gilberto Freyre, de Dorival Caymmi e de Mário de Andrade, entre tantos outros nomes. Algumas das fotos retratam, ainda, Cascudo recebendo as mais “ilustres” personalidades de sua época, revelando a naturalidade com que transitava pelo casarão e conciliava o universo íntimo familiar com o universo do *homem de letras*.

Revelando ter consciência do valor material de sua *Babilônia*, Cascudo fazia questão de divulgar os livros, as obras de arte e as relíquias<sup>23</sup> que havia conseguido

---

<sup>23</sup> Dentre as relíquias que integram o acervo, destaca-se uma imagem de São José de Botas, de 1809.

reunir, em suas entrevistas e em seus escritos memorialísticos: “e, neste cantinho, esta imagem de São José de Botas, datado de 1809. Olha só! **Tenho-o como uma peça rara, neste acervo, que nem sei mais se é acervo meu ou seu, ou do povo, ou do estado. Vamos dizer que me sinto dono e tomo conta**”. (grifo nosso). (LEMOS, 1996: 10)

As fotografias tiradas durante suas viagens de estudo também ocupam lugar de destaque em seu gabinete de trabalho, como a que realizou à África, e cujas fotografias motivaram a exposição organizada pelo Memorial e pelo Museu Câmara Cascudo, em abril de 2008, intitulada *Cascudo: o olhar do etnógrafo*. A abundância de registros fotográficos – sobre suas viagens e sobre seu cotidiano – nos leva a supor que Cascudo gostasse de ser fotografado, chegando, inclusive, a determinar como deveria ser fotografado e o que podia ser exibido de sua intimidade<sup>24</sup>.

Existem, ainda, outras fotografias que retratam momentos da vida de Câmara Cascudo e que se encontram na Fundação José Augusto, integrando o acervo de Sylvio Pedroza<sup>25</sup>. Neste último acervo, localizamos muitas fotografias de Sylvio e de Cascudo juntos – revelando a forte amizade que existia entre eles –, bem como outras que registram momentos mais oficiais, como a da condecoração de Câmara Cascudo – por Sylvio Pedroza – com a Ordem do Mérito Militar, em 1954. Esta amizade – materializada nas fotografias – transparece também nas cartas que trocaram entre si, e nas quais fica evidente que o intelectual assumiu a função de “assessor para todos os assuntos” do político potiguar, condição que parece ter sido útil quando Cascudo precisou obter alguns favores – não necessariamente para si – de Pedroza.

Entre livros, obras de arte e fotografias, o Cascudo intelectual – acompanhado de amigos e seguidores que conheceu nos tempos de juventude e de professor – não deixava de se assemelhar, de certa forma, ao *Cascudinho* de infância solitária, rodeado de brinquedos e livros. A maturidade, apesar de não ter conseguido diminuir seu gosto por coleções, parece ter aprimorado em Cascudo o gosto pelo convívio com os amigos a quem reservava o privilégio de adentrar na *Babilônia*

---

<sup>24</sup> O acervo fotográfico particular de Câmara Cascudo encontra-se no Memorial, sob os cuidados de sua neta Daliana Cascudo.

<sup>25</sup> Ex-prefeito da cidade do Natal (1946-1950) ex-governador do Estado do Rio Grande do Norte (1951-1955). Em 1948, como prefeito da capital, nomeou Câmara Cascudo historiador oficial da Cidade. Enquanto esteve à frente da administração da prefeitura de Natal e no Governo do Estado do Rio Grande do Norte mostrou grande apreço pela cultura e pela arte potiguar, incentivando e patrocinando artistas e intelectuais. Foi durante a sua administração que Cascudo teve seus livros *História da Cidade do Natal* e *História do Rio Grande do Norte*, publicados pelos órgãos oficiais.

Entremos no tempo de recordar. Aqui está um velho álbum de fotografias. Quem está nele? Amigos que tenho por aí. Quero um bem enorme a essas pessoas, que se tornaram amigas, minhas, eu, um camarada que nunca quis sair daqui, ir morar na Corte. No máximo, dei meus passeios e ganhei quantidade de amigos que me entenece. Olhe aqui: Graça Aranha, Mário de Andrade, Oswaldo, Pagu, Mennotti, Gilberto Freire, Agamenon, Monteiro Lobato. Djanira, José Mariano, Antônio Carlos, Ministro Renato Almeida, Ruben Braga, Nilo Pereira, Tarsila e Anita, Di e Pio Correia. (LEMOS, 1996: 13).

Sobre a relação que mantinha com seus amigos – dos mais distantes lugares do Brasil e do mundo –, ele costumava dizer em entrevistas que tinha diferentes tipos de amigos, “quase sempre sinceros”, “amigos, amigos e mais amigos”(LEMOS, 1996: 13). Pessoas que conheceu em vários momentos de sua vida, no Estado ou em viagens de estudo pelo Brasil e pelo mundo, amigos que foram seus parceiros na boemia ou em vários de seus trabalhos, que seguiram seus ensinamentos ou que o ouviam com toda a admiração. Também eles foram, a seu modo, com seus depoimentos e obras, os produtores de uma memória cascudiana.

O Casarão da atual avenida Câmara Cascudo abriga, desde dezembro de 2009, o INSTITUTO CÂMARA CASCUDO (Ludovicus). Essa instituição tem por meta preservar e divulgar a sua vida e obra. Desde sua inauguração, esse instituto tem procurado parecerias importantes na sociedade.

### **Considerações Finais**

Ao longo deste texto procuramos mostrar como elementos da biografia de Cascudo se consolidaram no imaginário. O estudo, realizado a partir de Lugares de Memória consolidou várias imagens da vida de Cascudo: o homem que se apropriava da cultura do povo (Memorial); o homem que acumulou conhecimentos a ponto de poder refletir intelectualmente sobre a realidade local (IHGRN); o homem devoto (Pedra do Rosário); o homem da família e dos amigos (Casarão). São imagens como essas que constroem as relações entre a sociedade e os “heróis” por ela cultuados.

### **BIBLIOGRAFIA**

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**: memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco; Lapa, 1996.

ANDRADE, Mario de. **O turista aprendiz**. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976. p. 191 e 228-306 apud

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 189-190.

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. Cascudo e sua Biblioteca. In: LYRA, Carlos. **Luís da Câmara Cascudo. Depoimentos**. Natal: EDUFRN, 1999. p. 59-65. Entrevista concedida a Carlos Lyra em 06/12/1974.

CASCUDO, Luís da Câmara. Há treze anos... In: **A República**, Natal, RN, p. 08, 09 ago. 1949.

Diário de Natal. **Perda lamentável**. Natal, p. 6, 01 ago. 1986.

FURTADO, Cristiane Silva. **A Cidade e o Letrado**: a monumentalização de Câmara Cascudo em Natal. Relatório de bolsa de iniciação científica FAPERJ. PUC-RJ. jun. 2004. Não paginado. Disponível em: <<http://www.modernosdescobridores.com.br>>. Acesso em: 13 ago. 2008.

GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo-Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1-2, p. 17-30, jan./dez. 1996.

HOLANDA, Aurélio B. de. Visita do escritor Câmara Cascudo. **Revista da Academia Brasileira de Letras**. Anais de 1967, Rio de Janeiro, v.117, p.124, jan./jun, 1967.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992. p. 535-553.

LEMOS, Afrânio Pires. Na Cultura popular repousa a grandeza. In: **Revista Século** – atualidade e cultura. Natal, RN, ano 1, n. 1, p. 10, 1996. Entrevista com Câmara Cascudo.

MEMORIAL Câmara Cascudo. Disponível em: <[http://www.fja.rn.gov.br/fja\\_site/navegacao/ver\\_memorial.asp?idmemorial=6](http://www.fja.rn.gov.br/fja_site/navegacao/ver_memorial.asp?idmemorial=6)>. Acesso em: 03 ago.2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez., 1993.

PETROVICH, Enélio Lima. Necrológio de Luís Câmara Cascudo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v. 77-78, p. 180, 1985-1986.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

MÁSCARA Mortuária de Cascudo é doada ao Instituto Histórico. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**: 1994-95-96, Natal, RN, v. 87, p. 77-78, 2001. (Edição comemorativa do V Centenário do Rio Grande do Norte).

SALES NETO, Francisco Firmino. **Luís Natal ou Câmara Cascudo**: um homem chamado cidade. 2008. 56 f. Qualificação (Mestrado em História) -- Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2008.